

A TRILOGIA

AMOSTRA

GUIDO BUZZELLI A TRILOGIA



FARIASILVA



O olhar torto de um mestre do escárnio

Conheci Guido Buzzelli em 1978, no festival de quadrinhos de Lucca, uma edição memorável em que esse gênero, em comparação a hoje, parecia coisa de criança.

Caminhavam pelos estandes da praça Napoleone grandes autores que fizeram história.

Eu andava à procura de novidades editoriais com a voracidade de quem espera, um dia, fazer parte daquele mundo. Espiei Breccia e Pratt, na tentativa de entender o que andavam folheando; Pazienza, que desenhava por ali; Crepax, que passeava com sua mulher; Altan, Muñoz, Sampayo e Mordillo, que conversavam por acaso na frente de um café. Foi quando, num bar da praça do Giglio, eu o vi e me pareceu uma boa ocasião para me aproximar.

“Guido Buzzelli?”, perguntei, impertinente.

E ele, com aquele olhar arguto, me mediu e sorriu.

“Sim, diga”.

Eu era apenas um jovem de vinte anos cheio de esperanças, um zé ninguém, e ele, ao contrário, era um mestre aclamado na França e atuava na “linha de frente” na Itália, um autor que Oreste del Buono havia convidado para as páginas da *AlterLinus*, revista inventiva por excelência, na época. Em resumo, ele era para mim um exemplo vivo do “sonho encarnado”. Um cara de sucesso que se divertia, publicava suas histórias e respirava a plenos pulmões a felicidade de criar quadrinhos livre das regras.

Durante duas belas horas, conversamos sobre tudo: política, quadrinhos, editoria em geral e o impacto que suas histórias causavam em nós, seus leitores.

Foi um encontro incrível que se deu no território comum das páginas ilustradas e que, como num passe de mágica, tornou possível uma conversa descontraída, como se fôssemos velhos amigos.

Foi isso que me surpreendeu e me fez gostar ainda mais dele.

Os grandes, com frequência, não posam de inatingíveis.

Nas entrelinhas, percebi que as coisas nem sempre andavam de vento em popa, essa foi a primeira lição que aprendi naqueles anos: compreendi que os grandes também tinham seus contratempos e, sem fazer disso um drama, davam duro para impor seu próprio olhar.

Eu amava Buzzelli, um desenhista de formação clássica que gostava de anatomia, mas que narrava o mundo com um olhar iconoclasta. Ele estava para o classicismo como os Sex Pistols para a música de câmara.



Eu já tinha lido e relido *A revolta dos hediondos*, incrédulo e atônito, me diverti. Foi uma viagem iniciática para um além-mundo monstruoso, repleto de humanidade e de sarcasmo. Ele se desenhava nas páginas, mas sem nenhuma compaixão narcisista, era Spartak, um dos hediondos.

O agitador por excelência.

Via-se rapidamente que era um homem de gênio.

Mas que esse mesmo gênio era capaz de confiná-lo num mundo de angústia, isso fui compreendendo aos poucos. Os franceses também teriam intuído isso, eles que, talvez antes e mais do que nós, souberam apreciar seu talento, valorizando-o e dando-lhe exposição. Buzzelli publicou na *Charlie Mensuel*, na *Pilote*, na *Circus*, na *L'Écho des Savanes*, na *Vailant* e, em seguida, na prestigiosa *Métal Hurlant* e na *À Suivre*, publicações que revolucionaram o mundo das narrativas em quadrinhos. Premiado em 1973 com o Yellow Kid de melhor desenhista em Lucca e consumido por uma febre inextinguível de narrativas, ao longo dos anos, Buzzelli construiu seu precioso mosaico, pedra por pedra, ao largo dos preceitos do realismo, do politicamente correto, de uma visão quadrada e obtusa, que muitas vezes imperava.

Buzzelli era Buzzelli e não se parecia com ninguém, era o que dizia aos quatro ventos cada ilustração que saía de sua mesa.

As palavras do grande Wolinski, tragicamente assassinado na chacina da *Charlie Hebdo*, não deixam margem para dúvidas. Ele, que o convidou para as páginas da *Charlie*, escreveu em

1971: "Buzzelli é único em seu gênero, e isso o deixa orgulhoso, triste e angustiado. Ele sempre temeu o fracasso, acordar um dia e não ser mais Buzzelli. E isso lhe causa pesadelos e o faz ser Buzzelli".

Palavras cheias de gênio e de afeto.

Quando vi *Zil Zelub* publicada, só pude fazer elogios.

Ela me fez pensar na visão grotesca e irônica de Nikolai Vasílievich Gógol, com seu escárnio pelas convenções. Um corpo que se rebela, se desmonta, literalmente, animado por forças independentes e separatistas. Uma metáfora do universo e da presunção filosófica que fazia tudo caber na gaiola da lógica.

Ridículo.

O efeito foi explosivo, Buzzelli fazia troça do desenho (e o fazia como um desenhista fora de série), daquele mundo que, herdeiro da arte clássica, havia feito do corpo e de sua representação o próprio fundamento de sua existência.

Os quadrinhos eram isto, a representação ortogonal dos corpos no espaço.

A arte viajava, explorando o conceitual (adeus, pintura), a fotografia cuidava do real, interpretado e focado de um modo diverso, e cabia aos quadrinhos a tarefa de criar uma representação reconhecível do universo.

Estávamos nos anos setenta, para bem e para mal.

Buzzelli se divertia burlando as regras, *Zil Zelub* (o nome é um anagrama de "Buzzelli", claro) podia sair atrás de um braço descontrolado ou de uma perna atlética e caprichosa.

A situações mais disparatadas tinham uma ironia leve e desesperada, Buzzelli não gostava de finais felizes.

Sua visão era mordaz, e seu riso sarcástico reverberava durante muitos dias em nossos ouvidos.

Nisso reside a enorme modernidade da obra de Buzzelli, no seu ser irregular, fora dos rótulos cômodos, das embalagens tão caras à indústria cultural (uma contradição em termos, é claro).

Buzelli não era a aventura de Corto Maltese, não era a psicanálise de Valentina, não era a crítica social de Mr. Natura

Escreve Grazia De Stefani, que se casou com o autor em 1960:

“Buzzelli amava cavalos, desenho e jazz. Amava contar e desenhar histórias.

Começou aos dezoito anos, publicando um de sabor medieval, *Il Monaco Nero*, que agradou muito ao editor Guasta, mas o *Argento Vivo* fechou logo em seguida.

Era o pós-guerra, e não havia motivos para ilusões. Faltava papel e dinheiro para tocar um jornal. Para Guido, foi uma imensa desilusão.

Assim começou um logo período de obscuros trabalhos para pequenos editores, que resultou, resumidamente, em fome. Mas, ao longo dos anos, ele desenvolveu as técnicas que um dia o tornariam um ótimo desenhista, ilustrador e pintor.

Quando surgiu a ocasião, muitos anos depois, ele aconteceu primeiro na Itália: e assim começou a se tornar um Autor. Tinha uma mania, um desejo louco de narrar. Trabalhou freneticamente, dando sempre o seu melhor. O público francês o amou, fez dele uma estrela. A crítica italiana nem sempre concordou.

Buzzelli era, sim, um ótimo desenhista, sobre isso todos concordavam. Mas cansava sua insistência no incômodo existencial do indivíduo em uma sociedade doente, corrompida, com olhos apenas para o poder, incapaz de enfrentar as necessidades humanas. Era como se sua pretensão de pôr o leitor diante de certos problemas, com imagens cruas e violentas, fosse demais. Melhor seria se tivesse empregado seu talento para escrever e desenhar histórias com personagens vencedores, heróis. Em vez disso, Guido usava sua imagem como um anti-herói, assumindo para si todos os vícios e fraquezas. Em seu tormento interior, elaborava histórias fantásticas capazes de provocar pesadelos. Olhando bem, *Os Labirintos* já estão aqui. Vamos esperar que com *La Guerra Videologica* não aconteça o mesmo.”

Alguns dados para situar melhor sua obra no panorama cultural.

A *revolta dos hediondos* foi criada entre 1966 e 1967, como escreveu Wolinski, “por diversão”, por puro prazer, desconectada de qualquer regra de mercado. Não foi encomendada por ninguém. Foi apresentada na edição do festival de Lucca em 1967 (hoje faz exatamente cinquenta anos) e publicada no almanaque do evento. *Os Labirintos*, feita entre 1968 e 1970, é uma obra visionária como poucas. Uma narrativa feroz de uma sociedade corrompida e perdida.

As imagens (um Buzzelli em estado de graça) literalmente explodem, não cabem nos moldes clássicos. Quatro anos depois, isso se tornaria o manifesto estético da *Métal Hurlant*. A revolução francesa dos quadinhos havia começado, apoiada pelo cúmplice vento buzzelliano.

Zil Zelub, 1971. Foi publicada na Itália, também como um álbum, dez anos depois, na prestigiosa coleção Nera da editora Milano.

Eis portanto A Trilogia, que tornou célebre seu autor, consagrando-o como um dos mestres dos quadinhos e do escárnio internacional.

E que nos tornou amigos para sempre, no território onde os sonhos fazem fronteira com as narrativas desenhadas.

Igort 2017



A REVOLTA
DOS HEDIONDOS

OS HEDIONDOS



RAPAZ, ACORDA... TEM GENTE OLHANDO...



GRR... QUE FOME!

QUANDO VÃO TRAZER AQUELA GOROROBA?

SILÊNCIO! VOCÊ FICOU LOUÇO? VOCÊ VAI É RECEBER UMAS CHICOTADAS EM VEZ DE COMIDA...

SE NÃO MELHORAREM ESSE RANGO, EU VOU PROTESTAR. ELES VÃO VER...



O QUE ELAS FAZEM, OS BELOS, COM OS SAIS QUE A GENTE TIRA?

O SPARTAK DIZ QUE JOGAM NAS PISCINAS PARA TOMAR BANHO...



DIZEM QUE OS SAIS SERVEM PRA MANTER ELAS SAUDÁVEIS, JOVENS, BONITOS E EFICIENTES DURANTE MUITO TEMPO...

AH!?





GRROASH!!! EU TOMO SEU CÉREBRO COM A SOPA! NA TIGELA! FICA COM SEU CAFO. SÓ VOCÊ PRA SUPORTAR O FEDOR DELE!

CALA A BOCA, ANIMAL! OU EU TE DOU UNS TAPAS!!! MULHER NÃO DEVA NEM FALAR, SUAS IGNORANTES!!

QUE DESPÉRDÍCIO DE SOPA! TÔ COM FOME!... DEIXA PRA MIM!... PRA MIM... FOME...



CAFO, NHACA, VERMA! VOCÊS TRÊS VÃO SER PUNIDOS!! AMANHÃ, NADA DE SOPA!

OOH! OH! PROTESTO, EU NÃO FIZ NADA!! AO CONTRÁRIO, TENTEI IMPEDIR A BRIGA!!

PROTESTA? PUNIDO ATÉ DEPOIS DE AMANHÃ!



COM LICENÇA, EXCELÊNCIA, AHN!... EU... POSSO FICAR COM A RAÇÃO DOS PUNIDOS?

PRESTA ATENÇÃO, MICROBIO! EXISTE UMA LEI QUE PUNE A GULA!



HA, HA!... GENTALHA!... RIDÍCULOS... QUANDO FALTA EDUCAÇÃO...

O SPARTAK, QUE TRABALHA NA CORTE, PODIA FALAR PRA TRATAREM A GENTE MELHOR...

© BUZZELLI '66



RRRRTK!!! QUE MELHOR, SEU CRETINO!!! A GENTE PRECISA É SE REBELAR!!

CALA A BOCA! ALGUÉM PODE TE OUVIR, CUIDADO! NÃO QUERO PERDER A SOPA! VAMOS TOGAR, VAMOS...



RRRUUNF! ESSA ROUPA ESTÁ MUITO LARGA!

OPA!... PEGUEI!

DOIS PRONTOS PRA NÓS!

NÃO VALE, TUIZ! O BRAÇO DELE É MAIS COMPRIDO!!

SEU PAI É MAIS FEIO QUE O MEU! RRR!

ÍNDICE

PAG. 05
PREFÁCIO DE IGORT

PAG. 09
A REVOLTA DOS HEDIONDOS

PAG. 57
OS LABIRINTOS

PAG. 123
ZIL ZELUB

